



# VII ENLIJE

## O RETRATO DO COTIDIANO NAS CRÔNICAS DE LUIZ AUGUSTO CRISPIM: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO BÁSICO

Ana Karennina da Silva Arruda (<sup>1</sup>); Amanda Feliciano de Melo (<sup>2</sup>); José Mário da Silva Branco (<sup>3</sup>)

Universidade Federal de Campina Grande, [annakarennina6@gmail.com](mailto:annakarennina6@gmail.com).

**RESUMO:** O referente trabalho tem por objetivo analisar a representação dos aspectos presentes no cotidiano, em algumas crônicas de Luís Augusto Crispim, escritor paraibano, observando as construções imagéticas presentes na escrita do autor, como também a dimensão metalinguística que a reveste. Pretende-se propor estratégias metodológicas que estimule o aluno a compreender o gênero crônica a partir do exercício de leitura dos textos. Haja vista a marginalização do gênero no meio literário, por ser considerado menor devido a sua simplicidade, o trabalho com as crônicas em sala de aula é de suma importância para a aprendizagem do aluno por meio dos textos - desmistificando a concepção de gênero menor, e o contato com a literatura por meio da experiência do literário. Buscaram-se como suporte teórico para o desenvolvimento deste trabalho Cândido, 1992; Portella, 2002 e Pereira, 2014 no que se refere ao estudo da crônica como gênero literário, bem como Cosson, 2006 no tocante às estratégias para o ensino de literatura. Diante da análise do objeto de estudo a apreciação das eventualidades do dia-a-dia torna-se um fator recorrente na escrita de Luiz Crispim caracterizando o próprio gênero. No que diz respeito à proposta de ensino mediante os textos literários do autor as sugestões são propícias para induzir o aluno a recepção positiva com o gênero literário crônica.

**Palavras-chaves:** Cotidiano, construção imagética, leitura, ensino.

---

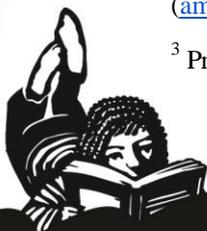
<sup>1</sup> Graduanda em Letras- Língua portuguesa, na Universidade Federal de Campina Grande(UFCG).

([annakarennina6@gmail.com](mailto:annakarennina6@gmail.com))

<sup>2</sup> Graduanda em Letras- Língua portuguesa, na Universidade Federal de Campina Grande(UFCG).

([amandamello675@gmail.com](mailto:amandamello675@gmail.com))

<sup>3</sup> Professor mestre em Letras - Língua Portuguesa, na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).





# VII ENLIJE

## 1. INTRODUÇÃO

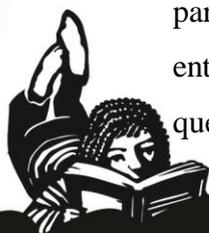
O ensino de literatura nas escolas vem se transformando com o passar dos tempos, no passado os estudos literários direcionavam-se para o ensino da métrica, considerado como literatura apenas os poetas conhecidos na sociedade. Com o passar do tempo a literatura se firmou através dos estudos de romances nas salas de aulas, porém ainda trabalhando autores mais conhecidos dentro da literatura - os cânones. No entanto, se tratando das crônicas literárias, podemos afirmar que originalmente não intencionavam ser um objeto de ensino em sala de aula, mas tecer comentários sobre a sociedade, em jornais da época.

De certa maneira o conhecimento literário presente nas salas de aula se transformaram e, com isso, foram ampliados para o trabalho com diversos textos que circulavam na sociedade, com lirismo e brilhantismo da literatura. Um desses textos é a crônica, que nasceu nos folhetins com a intenção de discorrer sobre os acontecimentos da sociedade. As características deste gênero acompanharam o desenvolvimento do mundo, junto com as necessidades que o seu meio de circulação exigia, visto que antes de assumir o seu valor de crônica era considerada folhetim, mas com a receptividade dos leitores fizeram com que o texto se adaptasse, tornando-se o que consideramos hoje, a crônica.

Embora a presença da crônica em sala de aula tenha crescido os textos apresentados para os alunos partem de uma seleção de autores consagrados pelas suas obras. A maioria dos autores conhecidos pelos alunos pertencem a região Sudeste do país, além do mais os livros didáticos também apresentam obras compostas por autores pertencentes a esse eixo Rio de Janeiro - São Paulo, uma vez que na literatura brasileira os autores da época residentes desta região recebiam mais atenção, por se tratar de cidades metropolitanas.

Considerando a crônica um gênero literário próximo a oralidade, retratando acontecimentos presentes na sociedade, este trabalho tem o objetivo de analisar a presença de fatos sucedidos no cotidiano retratado nas crônicas de Luís Augusto Crispim. O autor em questão rompe com o ciclo de leitura de autores pertencentes ao eixo Rio-São Paulo, uma vez que nos seus textos escreve sobre a região Nordeste, por se tratar de um autor paraibano.

Portanto, o trabalho tem a intenção de promover a leitura das crônicas em sala de aula, para aproximar os discentes da literatura, bem como ampliar o alcance da literatura paraibana entres os leitores, principalmente os alunos do ensino básico, através do trabalho com crônicas que retratam o ambiente em que estão inseridos. Deste modo, para discorrer sobre esse





assuntos adotamos como suporte teórico Cândido, 1992; Portella, 2002 e Pereira, 2014 no que tange ao conceito de crônica e seu desenvolvimento com o passar do tempo. No desenvolvimento da proposta metodológica para o ensino básico foi utilizado Cosson, 2006, visando a progressão do processo de ensino-aprendizagem do aluno.

## 2. O GÊNERO CRÔNICA

Antes de ser considerado gênero, a crônica teve uma longa caminhada até seguir o modelo de crônica que há nos dias atuais. É certo o espaço das crônicas nas escolas, os estudos desses textos, tido como literários, cresceram com o passar do tempo, devido a sua linguagem mais leve, ao seu conteúdo retratando acontecimentos costumeiros na sociedade, que atravessam o tempo.

Assim passou a ser difundida nos espaços escolares, acompanhada da aceitação de todos que ocupam este espaço. Desta forma, o trabalho com as crônicas em sala de aula reflete a riqueza das características do gênero crônica, bem como a grandiosidade temática surgindo como um espelho da sociedade. Apesar da importância da crônica ela não recebe tanta atenção como deveria, sendo considerada por muitos estudiosos menor do que outros textos literários.

A crônica nasceu nos folhetins, passando a ser lida por pessoas de todas as classes sociais, ou seja, possuía uma grande quantidade de leitores. A razão para essa receptividade parte da leveza do texto em abordar temas, com uma linguagem informal e em muitos casos a ironia em tratar de determinados assuntos. Depois do folhetim, as crônicas passaram a ser publicadas nos jornais da época corroborando para que os autores utilizassem uma linguagem mais leve, tendo em vista o seu público de leitores.

Por ser escrita para jornais, as crônicas eram consideradas uma leitura momentânea, haja vista a publicação nos jornais ser diária, assim “o seu intuito não é o dos escritores que pensam em ‘ficar’, isto é, permanecer na lembrança e na admiração da posteridade” (CANDIDO, 1992, p.14). Por ser considerada passageira e ter uma linguagem semelhante a oralidade, destoando da norma linguística, a crônica é considerada por alguns estudiosos como um gênero menor.

“A crônica operou milagres de simplicidade e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias [...] O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do





# VII ENLIJE

processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo.” (CANDIDO. 1992, p. 16).

Por se tratar de um texto que enfatiza o cotidiano e os acontecimentos a sua volta, além da escrita ser passageira, todos os dias se renovando, a crônica recebe o estigma inferior a outros textos, no entanto através do tempo ganhou a autonomia para se manter fora dos jornais e chegar nas escolas.

Atualmente as crônicas não são escritas exclusivamente para os jornais, mas encontram-se em espaços editoriais, com as publicações em livros ou revistas, como também na internet. Sendo assim, o estigma de gênero menor não impede a crônica de ocupar seu espaço na sociedade, tornando-se autônoma na literatura com o seu tom poético de tratar o cotidiano, fazendo de fatos banais críticas reflexivas sobre o comportamento da nação. De fato, segundo Portella (2002) o gênero crônica assumiu uma posição mais crítica, por se tratar de algo inerente a sua escrita, ela parte de um caráter inconformista e contestatório, mesmo o humor, se agrega como forma de luta contra a opressão.

A cidade exhibe os movimentos realizados no dia a dia, as situações descritas nas crônicas são observadas na cidade. “As micro-situações, os pequenos atos, gratuitos ou não, as coisas insignificantes, ganham corpo.” (PORTELLA, 2002, p. 227), todos os fatos por mais insignificantes que pareçam ser tornam-se importantes dentro da crônica. Por isso muito do que acontece no nosso dia a dia, são descritos nas crônicas, sendo uma das principais características o cotidiano, marcado por essas micro-situações.

O avanço das tecnologias, o desenvolvimento industrial, a urbanização, todas essas temáticas são pontos de partidas para se transformar em crônica. De acordo com Portella (2002) a crônica muda de acordo com a transformação da cidade, as crônicas escritas nas décadas de 30 ou 40, por exemplo, não vão falar da cidade da mesma forma que as atuais retratam. As cidades se transformam mais rapidamente do que os homens, e a descrição da cidade passam a ser fidedigna como uma fotografia. O ambiente urbano é o ponto central das crônicas, em que se fala da cidade que enxergamos sobre fatos que nos fazem sentir aflição pelo o que vivemos.

Na projeção da cidade dentro dos textos surgem imagens comuns do dia a dia, os momentos despercebidos pelos olhares ocupados, mas muito presente nas ruas. O cotidiano apresentam fatos de forma crítica, seja de relacionamentos, da maneira de viver, a crônica





mergulha no imaginário coletivo, e retorna à tona em condições de reprogramar o vôo cego da pura objetividade” (PORTELLA, 2002, p.229). Apesar da utilização dos elementos ficcionais nos textos, ainda há a abordagem do cotidiano, isto é, a representação da realidade.

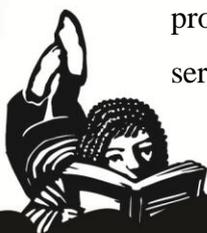
A crônica moderna retrata o cotidiano das cidades, os espaços urbanos como cenário para a representação de situações mínimas do dia a dia, mas que são tratadas pelo cronista com um ponto de partida para a reflexão crítica, com uma linguagem literária. De acordo com Candido (1992) na crônica a seriedade dos problemas é colocada de lado, sem a preocupação da severidade na crítica social, assim a crônica moderna brasileira apresenta a mistura do estilo tradicional, com a prosa modernista.

### 3. O TRABALHO COM A LITERATURA PARAIBANA EM SALA DE AULA

Na sala de aula, a literatura tem recebido um tratamento estruturalista e em muitos casos negligentes em relação às abordagens metodológicas realizadas pelos professores. Até mesmo os livros didáticos não apresentam um método eficiente para trabalhar os textos literários com os alunos. Indiscutivelmente os alunos, cada vez mais, apresentam maior desinteresse na leitura dos textos, dessa maneira o compromisso com a literatura precisa ser discutido para que novas propostas sejam utilizadas em sala de aula, com intenção de mudar o quadro atual.

As metodologias dos professores nas escolas, na maioria das vezes, seguem as exigências do ambiente escolar, Um dos problemas mais evidente em se trabalhar literatura nas escolas é a falta de tempo, a maior parte das aulas são destinadas para o ensino de gramática, a aprendizagem da norma gramatical são colocadas como conhecimento prioritário para os alunos, desconsiderando a literatura no processo de desenvolvimento do ensino-aprendizagem do aluno.

A literatura apresenta para o aluno diferentes maneiras de se pensar o mundo, bem como possibilita o desenvolvimento das estratégias de leitura. Por certo, as estratégias para o ensino da literatura precisam ser reconsideradas, adotando a exposição da obra a partir de um contexto de discussão, como maneira de melhorar a receptividade do aluno. Nesta estratégia o professor precisa construir uma relação entre o texto e o leitor. A apresentação do texto deve ser acompanhada de discussões das temáticas presentes na obra, proporcionando a prática





# VII ENLIJE

significativa de leitura, em que a literatura possui a sua força significativa, demonstrando a sua grandiosidade.

O ensino da literatura demonstrada para os alunos nas escolas costumam seguir o modelo tradicional de ensino, além do mais, os textos discutidos em sala também se inclinam para o clássico, visto que os autores em sua maioria são aqueles canonizados na sociedade. Autores que possuem obras mais conhecidas são mais estudados nas escolas, coincidentemente a maioria pertencente à região Sudeste do país, que retratam a realidade do lugar que residem. Até mesmo os livros didáticos trazem no seu conteúdo textos de autores pertencentes ao eixo Rio-São Paulo, assim as obras de autores que rompem com esse eixo são escassas, e apenas algumas chegam às salas de aula.

Para os discentes residentes na região Nordeste as obras que retratam a região, muitas vezes, apresentam estereótipos problemáticos, incompatíveis com a realidade de quem vive na localidade. A literatura busca aproximar o leitor do texto e para isso é necessário que o leitor sinta-se representado no que está lendo, antes de tudo busca-se a identificação. A leitura precisa relacionar texto e leitor, mas a identificação entre o autor, texto e leitor são necessária para haver significação e reconhecimento do leitor com o que foi lido.

Por conseguinte, o contato do aluno com a literatura se deve também ao livro didático e este muitas vezes não possuem uma boa abordagem da literatura, à vista disso, de acordo com Pinheiro (2006) trabalhar com literatura estar ligado a sentimentos e para que o aluno tenha sintonia com o texto, considerar a sua realidade social e cultural dos discentes é essencial, como também expor leituras que ultrapassem o nível de expectativa.

De acordo com Cosson (2006) a aprendizagem da literatura corresponde ao estudo da literatura, por meio dela e sobre ela. As aulas tendem a focar na aprendizagem sobre a literatura e por meio dela, no entanto devemos iniciar com o aprendizado da literatura e ter como objetivo principal a experiência literária.

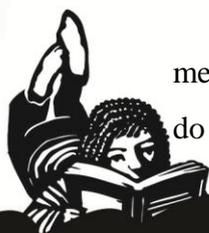
“As práticas de sala de aula precisa contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras. A literatura é uma prática e um discurso, cujo funcionamento deve ser compreendido criticamente pelo aluno. Cabe ao professor fortalecer essa disposição crítica, levando seus alunos a ultrapassar o simples consumo de textos literários” (COSSON, 2006, p. 47).

Portanto, o trabalho com o texto literário em sala de aula não deve seguir por o padrão metodológico de apresentar a obra e discutir trechos, mas ir além e promover a aproximação do aluno com o texto em questão, discutindo criticamente as temáticas, as posições e os valores.

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

[www.enlije.com.br](http://www.enlije.com.br)





# VII ENLIJE

pelo autor, os personagens e o seu funcionamento no enredo, dentre outros elementos, desde que o aluno sinta-se motivado e envolvido com o que está lendo, vivenciando, partindo daquilo que ele conhece, para chegar ao desconhecido, iniciando sempre do próximo para o distante. O letramento literário conquistado por etapas visualizando o que está ao alcance para conseguir o mais complexo.

## 3.1 PROPOSTA METODOLÓGICA

Com o intuito de promover o trabalho da literatura paraibana nas escolas, neste trabalho utilizamos as crônicas de Luiz Augusto Crispim para elaborar uma proposta metodológica para o ensino fundamental II. Pensando na escassez da literatura paraibana nas escolas e a aproximação da crônica com fatos do dia a dia, retratando a cidade, foi pensado em metodologias que analisassem a descrição do cotidiano nas crônicas “Namoro na Varanda” e “O Vício”, bem como a metalinguagem presente nos textos do autor.

Luiz Augusto Crispim é um dos maiores cronistas do estado da Paraíba, residia na cidade de João Pessoa e deixou um grande legado para a sua região. As suas crônicas possuíam uma linguagem leve, fazendo jus às características do gênero crônica, na maior parte dos seus textos escrevia sobre momentos comuns na cidade de João Pessoa com uma linguagem literária encantadora. A metalinguagem é outro elemento temático presente nas crônicas de Luiz Augusto Crispim, por se tratar de um escritor de jornais e revistas, o autor recorria à descrição de situações trabalhosas para escrever a crônica.

Além das ideias que se negam a comparecer ao novo local de trabalho, sou forçado a registrar também uma outra ausência. Na varanda lá da frente, sempre a esta hora da manhã, recebo a visita de um bem-te-vi, que deixa suas três notinhas no parapeito da varanda, depois, acumpliciado com uma samambaia alcoviteira que se enrosca de parede abaixo, assume um dos ramos mais altos e fica esperando a namorada, que não tarda a chegar. (CRISPIM, 2006, p. 61)

Na escrita do autor percebe-se a descrição cuidadosa do cenário retratado nos textos, assim como o esboço dos objetos e/ou dos personagens presentes nas suas crônicas, constituindo uma imagem para o leitor com a riqueza de detalhes presente no texto. Na crônica “Namoro na Varanda” o autor descreve a movimentação de um casal de bem-te-vis na sua varanda, chegando a refletir sobre a importância do amor entre as seres.





# VII ENLIJE

Além da descrição de fatos simplórios, o autor traz uma escrita metalinguística por demonstrar a sua preocupação com a produção da sua crônica, isto é, Crispim inicia seu texto relatando a dificuldade de escrever uma crônica, a produção diária exige dedicação e esforço, porém a partir de pássaros na varanda o autor cria uma crônica refletindo sobre a amor: “Daí porque quase não há crônica hoje, meu caro leitor. Não por falta de paixão, nesta vida. Mas por falta de namoro na varanda.” (CRISPIM, 2006, p. 61)

Na crônica “O vício” também encontramos a metalinguagem, uma vez que o autor se refere ao ato de escrever crônica um vício do qual é inevitável:

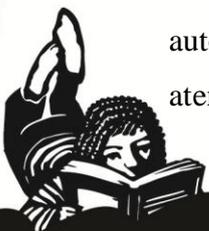
“A responsável por tudo isso é a vida. Não a vida que a gente enxerga de todos os lados, não a vida que é. Não, refiro-me à vida que poderia ter sido. E que não foi - como diz o Poeta em seu verso. É esse lado da vida que inspira as críticas e que nos faz a todos viciados em viver.” (CRISPIM, 2006, p. 63).

Dessa maneira, a reflexão sobre a escrita do texto faz-se presente na produção literária do autor, podendo ser um fator interessante para o ensino-aprendizagem do aluno, tendo em vista a descrição de como o autor enxerga o gênero crônica, assim há a aproximação do autor-texto-leitor.

A proposta metodologia baseia-se na sequência básica apresentada por Cosson (2006), dividida em quatros momentos. Os momentos são determinados para contemplar processos diferentes no ensino-aprendizagem, com a intenção de buscar a aproximação entre o texto e o leitor, nesse caso o aluno é exposto a formas diferentes de pensar sobre a obra.

O primeiro momento da sequência é a motivação, consiste na preparação do aluno para ter contato com o texto, como o discente não conhece o que vai ler, é apresentado temáticas ou situações semelhantes àquelas presentes no texto. Segundo Cosson (2006) o sucesso da sequência tem relação direta com a motivação do aluno sobre a obra, o discente precisa saber da discussão presente na obra, o que ela retrata. Vale salientar que a motivação não deve determinar como a leitura da obra, mas procurar discutir as possibilidades de leituras existentes no texto. Neste caso, considerando as crônicas de Luiz Augusto Crispim o professor precisa abordar a presença da metalinguagem nas crônicas, bem como explorar algumas situações consideradas banais, mas que impactam de alguma maneira quando lidas.

O segundo momento consiste na introdução da obra, uma espaço para apresentar o autor do texto com informações básicas, como também a apresentação física da obra atentando para os elementos paratextuais presentes na capa e contracapa do





# VII ENLIJE

levantar hipóteses sobre o que vai ser lido, como apresentar a origem do autor um pouco da sua história. Em seguida, no terceiro momento, o aluno realiza a leitura da obra e verifica as hipóteses levantadas no momento anterior, se houve identificação com o texto, acompanhado sempre do professor, acredita-se que pelo fato do autor abordar o cotidiano e abordar um espaço conhecido pelos alunos que residem próximo a localidade descrita, haja identificação e reconhecimento.

Por fim, o quarto momento chamamos interpretação com duas etapas: a interior e a exterior. A etapa interior consiste no encontro do leitor com obra, uma vez que realizamos individualmente apreensão global da obra, esta etapa pode ser afetada pela vivência do aluno e ela pode determinar a identificação ou não com o texto. Na etapa exterior ocorre a construção dos sentidos, o processo materializado, compartilhando as interpretações para se tornar consciente da coletividade. Cabe ao professor mediar a leitura do texto, apor o desenvolvimento do processo de interpretação.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão do trabalho das crônicas no ambiente escolar, a partir das obras de um autor paraibanos, nos faz acreditar na defasagem do ensino da literatura em sala de aula. Apesar de carregar o estigma de gênero menor a crônica consegue alcançar diversos espaços na sociedade, sendo cada vez mais (re)produzida dentro do meio literário. A sua estrutura contribui para uma classificação simplista, porém o seu conteúdo corresponde ao lirismo e a força da literatura.

O contato do aluno com os textos que fazem gerem a sua identificação é primordial para o processo de aprendizagem, uma vez que possibilita o reconhecimento do seu espaço social e cultura e por consequência o interesse pela leitura do texto. Dessa maneira, estudar obras escritas por autores que descrevem a realidade do aluno é fundamental - sem excluir a leitura de textos que tragam outras realidades. Sendo assim, o estudo de autores paraibanos se enquadra na expressão do seu contexto social e cultural, sem a utilização de estereótipos. A mudança deve partir não somente do professor, mas também do livro didático que continua por valorizar a literatura cânone, pertencente ao eixo Rio-São Paulo, apenas com alguns exemplos de autores de outras regiões.





# VII ENLIJE

Na sala de aula a abordagem do texto literário pode ser repensada a partir do contexto em que os discentes estão inseridos e de quais aspectos existe identificação, para que dessa maneira haja possibilidade de prosseguir o movimento de leitura que se afasta do que está próximo a ele, mas que lhe interessa da mesma forma. Entretanto, não se deve ignorar o fato de que o letramento literário necessita partir do que se assemelha com a realidade dos alunos.

Assim, o trabalho com autores paraibanos é primordial para inserção de outros aspectos sociais e culturais na literatura e concomitantemente nas salas de aula. Luiz Augusto Crispim retrata a cidade de João Pessoa fundado na descrição de cenários e acontecimentos que ocorrem na cidade, seja um casal de pássaros na sua varanda, ou um casal de namorados na praça da cidade.

## 5. REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. São Paulo: Editora do UNICAMP, 1992.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

CRISPIM, Luíz Augusto. *Eu e outros arrecifes*. João Pessoa: Karawa, 2006

PINHEIRO, Hélder. Reflexões sobre o livro didático de literatura. In: Buzen, Clécio (Org.). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editora, 2006.

PORTELLA, Eduardo. *O discurso na cidade*. Revista Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n. 150, p. 225 - 232, 2002.

